

LISA KLEYPAS



UM ESTRANHO NOS

meus braços



ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

UM ESTRANHO NOS
meus braços



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

LISA KLEYPAS

UM ESTRANHO NOS
meus braços



Título original: *Stranger in my arms*

Copyright © 1998 por Lisa Kleypas
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Camila Figueiredo e Priscila Cerqueira

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: Kamil Akca / Arcangel

foto da autora: Danielle Barnum Photography

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72e

Kleypas, Lisa

Um estranho nos meus braços [recurso eletrônico] / Lisa Kleypas ; tradução Ana Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.
recurso digital

Tradução de: *Stranger in my arms*.

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-439-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

22-81053

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Sumário

Capítulo 1	
Capítulo 2	
Capítulo 3	
Capítulo 4	
Capítulo 5	
Capítulo 6	
Capítulo 7	
Capítulo 8	
Capítulo 9	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Capítulo 17	
Capítulo 18	
Capítulo 19	
Capítulo 20	

Capítulo 21

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

Capítulo 1

— **L**ady Hawksworth, seu marido não está morto. Lara encarou James Young sem piscar. Tinha certeza de que não havia escutado direito o que o administrador da propriedade acabara de dizer... ou talvez ele estivesse embriagado, embora, até onde sabia, o homem não fosse chegado a bebedeiras. Era possível que tivesse ficado um pouco perturbado por ter que trabalhar para os atuais lorde e lady Hawksworth. Depois de algum tempo, eles com certeza deixavam qualquer um louco.

— Sei que isso é um grande choque para todos vocês – continuou Young, muito sério. A preocupação cintilou em seus olhos, por trás dos óculos. – Principalmente para milady.

Se a notícia viesse de uma fonte menos confiável, Lara a teria ignorado sem pestanejar. No entanto, James Young era um homem responsável e cauteloso, que servia à família Hawksworth havia pelo menos uma década. E que, desde a morte do marido dela, vinha fazendo um excelente trabalho na administração da propriedade, por mais escassa que fosse a preciosa quantia a administrar.

Arthur, lorde Hawksworth, e sua esposa, Janet, também encaravam Young como se duvidassem da sua sanidade. Eram um casal muito semelhante fisicamente – ambos louros, altos e magros. Embora tivessem dois filhos, os meninos tinham sido mandados para estudar em Eton e raramente eram vistos ou sequer mencionados. Arthur e Janet pareciam ter apenas uma coisa em mente: desfrutar da riqueza e da posição social recém-descobertas da forma mais extravagante possível.

— Que absurdo! – explodiu Arthur. – Como você ousa nos abordar com

uma tolice dessas? Explique-se agora mesmo.

– Muito bem, milorde – retrucou Young. – Ontem recebi a informação de que uma fragata chegou recentemente a Londres, trazendo um passageiro bastante curioso. Parece que ele guarda uma semelhança impressionante com o falecido conde. – O homem lançou um olhar respeitoso a Lara antes de acrescentar: – E esse homem alega ser lorde Hawksworth.

Arthur soltou uma gargalhada debochada. Seu rosto fino, marcado por linhas profundas de cinismo, adquiriu um tom vívido de vermelho. O nariz adunco se crispou em uma expressão irritada.

– Essa farsa é um ultraje! Hawksworth morreu há um ano. É impossível que tenha conseguido sobreviver a um naufrágio na região de Madras. Meu Deus, o barco literalmente se partiu ao meio! Todos a bordo morreram. Está me dizendo que, de algum modo, meu sobrinho conseguiu sobreviver? Esse homem deve ser um lunático se acha que algum de nós acreditará nele.

Janet cerrou os lábios finos.

– Logo provaremos que se trata de um impostor.

Irritada, ela alisava a escura barra de renda Vandyke – de pontas afiadas como dentes – que enfeitava o corpete e a cintura do vestido de seda verde-esmeralda.

Young ignorou o desdém furioso dos Crosslands e se aproximou da viúva. Larissa estava sentada em uma poltrona de madeira dourada, perto da janela, com os olhos fixos no tapete que cobria o chão. Como tudo mais no castelo Hawksworth, o tapete persa era opulento ao nível do mau gosto, com seu fantástico padrão de flores surreais se derramando de um vaso em estilo chinês. A ponta gasta de um sapato de couro preto se projetava por baixo da bainha do vestido de luto que ela usava, enquanto Larissa traçava distraidamente o contorno de uma flor vermelha com o pé. Parecia perdida em pensamentos, e não reparou na aproximação de Young até ele estar à sua frente. Ela endireitou o corpo de repente, como uma criança ao ser repreendida, e ergueu os olhos para o rosto do administrador.

Mesmo no vestido de bombazina escura, de gola alta e imaculado como o hábito de uma freira, Larissa Crossland ainda exibia uma beleza suave e elegante. Com os cabelos negros como zibelina parecendo sempre prestes a

se soltar dos grampos, olhos lânguidos, de um verde pálido, era uma mulher impressionante. No entanto, sua aparência não provocava ardor. Larissa com frequência era admirada, mas nunca disputada... nunca era alvo de flertes ou de olhares de desejo. Talvez fosse pelo modo como usava a simpatia como arma, se é que algo assim era possível, mantendo todos a distância.

Muitos na cidade de Market Hill viam Lara quase como uma santa. Uma mulher com aquela aparência e posição social poderia ter conseguido um segundo marido rapidamente, mas Lara escolhera permanecer viúva e se envolver em trabalhos filantrópicos. Era sempre gentil e compassiva, e sua generosidade se estendia tanto aos nobres quanto aos necessitados. Young nunca ouvira lady Hawksworth pronunciar uma só palavra indelicada a respeito de ninguém – nem sobre o marido, que praticamente a abandonara, nem sobre os parentes, que a tratavam com uma mesquinha desprezível.

Mas, apesar de toda essa aparente serenidade, havia algo perturbador naqueles olhos verdes translúcidos. Uma turbulência silenciosa que insinuava emoções e pensamentos que ela nunca ousava expressar. Até onde Young sabia, Larissa decidira se contentar em viver indiretamente, através das pessoas ao seu redor. Com frequência diziam que ela precisava de um companheiro. No entanto, ao que parecia, ninguém conseguia pensar em um único cavalheiro que fosse apropriado para ela.

Aquilo sem dúvida era bom, caso se confirmasse que o falecido conde, na verdade, estava mesmo vivo.

– Milady – murmurou Young em um tom contrito –, não tive a intenção de perturbá-la. Mas achei que a senhora gostaria de ser informada imediatamente em relação a qualquer assunto que diz respeito ao falecido conde.

– Há alguma chance de que isso seja verdade? – sussurrou Lara, o cenho franzido.

– Não sei. – Foi a resposta cuidadosa de Young. – Como nunca encontraram o corpo do conde, suponho que haja uma chance de que ele...

– É claro que não é verdade! – exclamou Arthur. – Vocês dois enlouqueceram? – Ele afastou Young do caminho, assumiu uma expressão protetora e pousou a mão no ombro estreito de Lara. – Como esse patife

ousa fazer lady Hawksworth passar por tamanho sofrimento? – inquiriu, com o máximo de falsa piedade que conseguiu encenar.

– Estou bem – declarou Lara, enrijecendo o corpo ao sentir o toque dele.

Ela franziu o cenho, afastou-se e foi até a janela, ansiando por escapar da sala de estar excessivamente decorada. As paredes eram cobertas de seda fúcsia, com arabescos dourados pesados, e os cantos da sala eram ocupados por vasos de palmeirinhas exóticas. Cada centímetro disponível parecia ter sido usado para expor uma coleção do que Janet chamava de “mimos”, uma mistura de árvores e pássaros de vidro cobertos por redomas protetoras.

– Cuidado! – exclamou Janet com rispidez, quando as saias pesadas de Lara roçaram na lateral do aquário que repousava sobre um tripé de mogno, fazendo com que ele balançasse.

Lara abaixou os olhos para a dupla de peixinhos dourados de aparência desamparada, nadando no aquário, então encarou o rosto estreito e franzido de Janet.

– Eles não deveriam estar próximos da janela – Lara se ouviu murmurar para si mesma. – Não gostam de luz em excesso.

Janet deixou escapar uma risada de desdém.

– Ah, estou certa de que você fala com propriedade – retrucou em um tom ácido.

Lara teve certeza de que Janet faria questão de manter os peixes exatamente onde estavam.

Suspirando, Lara voltou os olhos para os campos que cercavam o castelo Hawksworth. O terreno que se estendia desde a antiga fortaleza normanda abrigava bosques de nogueiras e carvalhos, e era entrecortado por um rio largo e caudaloso. O mesmo rio garantia água para o moinho e um canal de navegação para a cidade vizinha de Market Hill, que era um porto cheio e próspero.

Um bando de patos-reais pousou no lago artificial em frente ao castelo, atrapalhando o deslocamento régio de um par de cisnes. Além do lago, havia uma estrada que levava à cidade e uma antiga ponte de pedra, conhecida pelos locais como “a ponte dos condenados”. Dizia a lenda que o próprio diabo havia colocado a ponte ali, com a intenção declarada de

recolher a alma do primeiro homem que a atravessasse. Segundo contavam, o único que ousou pôr os pés na ponte foi um ancestral dos Crosslands que, desafiando o diabo, se recusou a entregar sua alma. O diabo, então, amaldiçoou todos os seus descendentes, condenando-os a sempre terem dificuldade em gerar herdeiros homens que levassem a linhagem da família adiante.

Lara quase conseguia acreditar na lenda: todas as gerações de Crosslands tiveram poucos filhos, e a maior parte dos homens havia morrido relativamente jovem. Incluindo Hunter.

Com um sorriso triste, Lara se forçou a voltar ao presente e virou-se para o Sr. Young. Ele era um homem pequeno e esguio, e seu rosto ficava quase ao nível do dela.

– Se esse estranho for mesmo o meu marido – começou ela com calma –, por que não voltou para casa antes?

– De acordo com o relato dele, milady – respondeu Young –, ele ficou boiando por dois dias no mar após o naufrágio. Então, foi resgatado por um barco de pesca que estava a caminho da Cidade do Cabo. Ele foi ferido durante o naufrágio e perdeu a memória... não sabia nem o próprio nome. Alguns meses depois, recuperou a memória e voltou para a Inglaterra.

Arthur soltou uma risadinha desdenhosa.

– Não se lembrava do próprio nome? Nunca ouvi falar de uma coisa dessas.

– Aparentemente, é possível – retrucou o administrador. – Conversei a respeito com o Dr. Slade, o médico da família, e ele confirmou que já foram relatados casos assim, embora sejam raros.

– Que interessante – comentou Arthur, sarcástico. – Não me diga que você está dando algum crédito a esse impostor, Young.

– Nenhum de nós pode determinar a verdade até que esse homem seja interrogado por quem conhecia bem Hawksworth.

– Senhor Young – disse Lara, tentando disfarçar sua agitação –, o senhor conviveu com meu marido por muitos anos. Eu ficaria grata se fosse a Londres e se encontrasse com ele. Mesmo se esse homem não for o falecido

conde, parece que pode estar perturbado e precisando de ajuda. Temos que fazer alguma coisa por ele.

– Só a senhora mesmo, lady Hawksworth – comentou Young. – Eu me arrisco a dizer que a maioria das pessoas não conceberia a ideia de ajudar um estranho que estivesse tentando enganá-las. A senhora é realmente uma boa mulher.

– Sim – concordou Arthur, com ironia. – A viúva do meu sobrinho é a santa padroeira dos pedintes, dos órfãos e dos cães sem dono. Não consegue resistir a dar o que tem para os outros.

– E foi por isso que resolvemos não complementar a renda anual que Lara recebe – acrescentou Janet. – O dinheiro extra escorreria pelo ralo, já que até um bebê parece capaz de tirar vantagem dela. Lara dá tudo que tem para aquele orfanato caindo aos pedaços.

Lara sentiu o rosto arder diante dos comentários depreciativos.

– Os órfãos precisam muito mais do dinheiro do que eu – falou. – Eles precisam de muitas coisas que outras pessoas podem oferecer sem que lhes seja custoso.

– Assumi a responsabilidade de preservar a fortuna da família para as gerações futuras – retrucou Arthur, irritado. – Não para desperdiçá-la com crianças sem pai nem mãe.

– Muito bem – apressou-se a interceder Young, interrompendo a discussão que ameaçava se estender. – Se todos estiverem de acordo, partirei para Londres junto com o Dr. Slade, que conhecia o falecido conde desde o nascimento. Vamos ver se há alguma verdade nas alegações desse homem. – Ele dirigiu um sorriso tranquilizador a Lara. – Não se aflija, milady. Tenho certeza que tudo vai dar certo.



Aliviada por escapar da presença dos Hawksworths, Lara voltou para o antigo chalé do guarda-caça, que ficava a certa distância do castelo, pela margem do rio, cercada por salgueiros. O chalé era bem diferente da casa de madeira em estilo elisabetano, situada na entrada da propriedade e que já

fora usada para alojar hóspedes ou parentes em visita. Infelizmente, o interior tinha sido arruinado por um incêndio no ano anterior, quando um visitante descuidado derrubara um lampião a óleo e pusera fogo no lugar.

Arthur e Janet não tinham visto motivo para restaurar a casa de madeira e decidiram que o chalé seria suficiente para atender às necessidades de Lara. Ela poderia ter apelado para a generosidade de outros parentes, que talvez tivessem lhe oferecido acomodações mais confortáveis, ou poderia até ter aceitado a oferta da sogra de assumir o papel de dama de companhia em suas viagens, mas prezava demais sua privacidade. Era melhor permanecer próxima dos lugares que conhecia e dos amigos, apesar dos desconfortos do chalé.

As paredes de pedra eram escuras e úmidas, com um cheiro de mofo que se recusava a ceder, por mais que fossem limpas. Era raro que um mísero raio de sol entrasse pela única janela. Lara tentara tornar o local mais habitável cobrindo uma das paredes com uma colcha de retalhos e decorando-o com algumas peças simples de mobília rejeitadas de Hawksworth Hall. A poltrona perto do fogão a lenha era coberta por uma manta azul e vermelha que fora tricotada por algumas das meninas mais velhas do orfanato. Havia uma salamandra entalhada perto da lareira, presente de um homem idoso da cidade, que garantia que o objeto protegeria o chalé de qualquer mal.

Já sozinha em casa, Lara acendeu uma vela de sebo e ficou parada diante da luz esfumada e trêmula. De repente, sentiu um forte tremor no corpo inteiro.

Hunter... vivo. Não poderia ser verdade, é claro, mas a mera ideia a encheu de desconforto. Lara foi até a cama estreita, ajoelhou-se no chão e estendeu a mão por baixo das cordas que sustentavam o colchão até encontrar um pacote embrulhado em tecido. Ela desdobrou o pano e se viu diante de um retrato emoldurado do falecido marido.

Arthur e Janet haviam lhe oferecido a pintura como uma demonstração de generosidade, mas Lara sabia que, na verdade, os dois só estavam ansiosos para se livrar da lembrança do homem que ostentara o título antes deles. Ela também não queria o retrato, mas o aceitara, admitindo para si

mesma que Hunter era parte do seu passado. Ele havia mudado o curso da vida dela. Talvez algum dia, quando o tempo suavizasse as lembranças, Lara pendurasse o retrato à vista de todos.

A pintura mostrava um homem de corpo firme, ossos largos, na companhia dos cães, com uma das mãos grandes pousada casualmente ao redor de sua espingarda favorita. Hunter fora um belo homem, com cabelos castanho-dourados, olhos castanho-escuros intensos e uma expressão de perpétua arrogância.

Haviam se passado três anos desde que ele partira de navio para a Índia, em uma missão semidiplomática. Como acionista minoritário da Companhia das Índias Orientais, e sendo detentor de certa influência política, Hunter fora designado como conselheiro dos administradores da Companhia naquele país.

Na verdade, ele fora um dos muitos homens ansiosos para se juntarem ao enorme grupo de estrangeiros ociosos em Calcutá. Eles viviam como reis lá, divertindo-se em festas e orgias intermináveis. Dizia-se que cada casa contava com pelo menos uma centena de criados, que cuidavam de cada detalhe do conforto dos patrões. Além disso, a Índia era o paraíso dos homens que gostavam de caçar, oferecendo uma abundância de opções exóticas – o que era irresistível para alguém como Hunter.

Ao se lembrar do entusiasmo do marido com a partida iminente, os lábios de Lara se curvaram em um sorriso triste. Hunter estava ansioso para deixá-la. A Inglaterra já não o animava, e o mesmo valia para o casamento. Não havia dúvida de que ele e Lara não formavam um bom casal. Uma esposa, dissera Hunter a ela certa vez, era um aborrecimento necessário, útil apenas para gerar filhos. À medida que Lara não concebia, Hunter foi ficando profundamente ofendido. Para um homem que se orgulhava de sua força e virilidade, era difícil aceitar a ausência de uma prole.

O olhar de Lara se desviou para a cama, e ela sentiu um embrulho no estômago ao se lembrar das visitas noturnas de Hunter, do corpo pesado esmagando o dela, da invasão dolorosa que parecia nunca ter fim. Lara encarou como um ato de clemência quando ele começou a não frequentar mais sua cama, e a procurar outras mulheres para satisfazer suas

necessidades. Lara nunca conhecera ninguém com tanto vigor físico, tão cheio de energia. Ela quase conseguia acreditar que ele havia sido o único sobrevivente de um naufrágio violento.

Hunter era tão dominador em relação a todos ao redor dele que, durante os dois anos que viveram juntos, Lara sentira a própria personalidade murchar à sombra do marido. E sentira-se grata quando ele partira para a Índia. Deixada por conta própria, ela se envolvera com o orfanato local, dedicando tempo e atenção a melhorar a vida das crianças de lá. A sensação de ser necessária era tão gratificante que Lara logo encontrou outros projetos com que se ocupar: visitar os enfermos e idosos, organizar eventos filantrópicos, chegou até a se arriscar como casamenteira. Quando foi informada da morte do marido, Lara ficou triste, mas não sentiu falta dele.

Nem o queria de volta, pensou, com uma pontada de culpa.



Durante os três dias seguintes, Lara não teve notícias do Sr. Young ou dos Hawksworths. Fez o melhor possível para dar seguimento às atividades cotidianas, mas a novidade havia chegado a Market Hill, espalhada pelos comentários empolgados dos criados do castelo Hawksworth.

A irmã de Lara, Rachel, lady Lonsdale, foi a primeira a aparecer. O caleche laqueado de preto parou a meio caminho do castelo, e a forma esguia de Rachel desembarcou e seguiu desacompanhada ao longo da trilha que levava ao chalé. Rachel era a irmã mais nova de Lara, mas dava a impressão de ser mais velha, já que sua altura e a solenidade gentil de suas feições lhe davam um ar de maturidade.

As duas já haviam sido declaradas as irmãs mais bonitas de Lincolnshire, mas Lara sabia que a beleza de Rachel eclipsava a dela. Rachel tinha feições clássicas perfeitas: olhos grandes, a boca parecendo um pequeno botão de rosa e um nariz estreito e ligeiramente arrebicado. Em contrapartida, Lara tinha o rosto redondo em vez de oval, e sua boca era larga demais, enquanto seus cabelos escuros muito lisos – que resistiam

bravamente aos ferros de cachear – estavam sempre escapando dos grampos.

Lara encontrou a irmã na porta e a fez entrar, animada com a visita. Rachel estava ricamente vestida, o cabelo castanho preso para trás, revelando a ponta delicada do bico de viúva. Seu cabelo e sua pele emanavam um doce aroma de violetas.

– Larissa, minha querida – disse Rachel, olhando ao redor do chalé –, pela milésima vez, por que você não vem morar com Terrell e comigo? Há uma dezena de quartos vagos, e você ficaria muito mais confortável...

– Obrigada, Rachel – disse Lara, abraçando a irmã. – Mas eu não poderia viver sob o mesmo teto que seu marido. Não posso fingir tolerar um homem que não trata você bem. E tenho certeza de que lorde Lonsdale sente o mesmo desafeto por mim.

– Ele não é tão mau assim...

– Rachel, ele é um marido abominável, por mais que você tente fingir o contrário. Lorde Lonsdale não se importa com ninguém além de si mesmo e isso nunca vai mudar.

Rachel franziu o cenho e se sentou perto da lareira.

– Às vezes, acho que a única pessoa, homem ou mulher, de quem Terrell já gostou de verdade foi lorde Hawksworth.

– Os dois eram farinha do mesmo saco – concordou Lara –, a não ser pelo fato de que pelo menos Hunter nunca levantou a mão para mim.

– Isso só aconteceu uma vez – protestou Rachel. – Eu nunca deveria ter contado a você...

– Você não precisou me contar. O hematoma no seu rosto disse o bastante.

As duas ficaram em silêncio, lembrando-se do episódio que ocorrera dois meses antes, quando lorde Lonsdale agredira Rachel fisicamente durante uma discussão. O hematoma no rosto e no olho de Rachel levava semanas para desaparecer, obrigando-a a se esconder em casa para não levantar suspeitas. Agora, Rachel alegava que lorde Lonsdale se arrependia profundamente de ter perdido o controle daquela forma. Ela o perdoara, dissera, e desejava que Lara fizesse o mesmo.

Mas Lara não conseguiria perdoar ninguém que machucasse sua irmã, e desconfiava que a agressão voltaria a acontecer. O que quase a fazia desejar que Hunter realmente estivesse vivo. Porque, apesar de seus defeitos, ele jamais aprovaria agressões contra uma mulher. Hunter teria deixado claro para lorde Lonsdale que aquele tipo de comportamento era inaceitável. E Lonsdale talvez o tivesse ouvido, já que Hunter era uma das poucas pessoas no mundo que ele respeitava.

– Não vim aqui para falar sobre isso, Larissa. – A expressão de Rachel era carinhosa e preocupada, enquanto ela observava a irmã mais velha se sentar em um banquinho acolchoado aos seus pés. – Ouvi a notícia sobre lorde Hawksworth. Me diga... ele realmente está voltando para casa?

Lara balançou a cabeça.

– Não, é claro que não. Algum maluco em Londres está alegando ser ele. O Sr. Young e o Dr. Slade foram vê-lo, e tenho certeza de que cuidarão para que seja levado para o hospício, se for um louco, ou para a prisão, se criminoso.

– Então não há chance de lorde Hawksworth estar mesmo vivo? – Ao ler a resposta no rosto da irmã, Rachel deixou escapar um suspiro. – Sinto muito por dizer isto, mas fico aliviada. Sei que seu casamento não foi bom. E tudo que eu mais quero é que você seja feliz.

– Desejo o mesmo para você – disse Lara, emocionada. – E você está em uma situação muito pior do que eu jamais estive, Rachel. Hunter estava longe de ser o marido ideal, mas até que nos dávamos bem, a não ser por...

Ela se interrompeu e enrubesceu profundamente.

Não era fácil para Lara falar de assuntos íntimos. Ela e Rachel haviam tido uma criação puritana, com pais bondosos, mas distantes. Assim, as duas irmãs tiveram que aprender sozinhas a respeito do ato sexual em suas respectivas noites de núpcias. Para Lara, a descoberta tinha sido bastante desagradável.

Como sempre, Rachel pareceu ler os pensamentos da irmã.

– Ah, Lara – murmurou ela, enrubescendo também. – Acho que lorde Hawksworth talvez não tenha sido tão cuidadoso quanto deveria. – Ela diminuiu o tom de voz e continuou: – Na verdade, fazer amor não é tão

péssimo assim. Houve vezes com Terrell, no início do casamento, em que eu realmente achei muito agradável. Nos últimos tempos, é claro, as coisas não são mais assim, mas eu ainda me lembro de como costumava ser.

– *Agradável?* – perguntou Lara, encarando a irmã com espanto. – Desta vez, você conseguiu me chocar. Como é possível que você tenha gostado de algo tão constrangedor e doloroso está além da minha compreensão... a menos que esteja tentando fazer uma brincadeira de muito mau gosto.

– Ora, irmã. Não houve ocasiões em que lorde Hawksworth a beijou, a abraçou, e você se sentiu interessada e... não sei... mais mulher?

Lara caiu em um silêncio perplexo. Ela não conseguia imaginar como fazer amor – uma expressão irônica para um ato tão repulsivo – poderia *não* ser doloroso.

– Não – respondeu ela, pensativa –, não consigo me lembrar de ter me sentido assim. Hunter não gostava muito de beijar e abraçar. E eu ficava muito feliz quando terminava.

O rosto de Rachel se suavizou com uma expressão de pena.

– Ele alguma vez disse que amava você?

Lara deu uma risada sem humor.

– Meu Deus, não! Hunter jamais admitiria uma coisa dessas – disse, e um sorrisinho curvou seus lábios. – Ele não me amava. Havia outra mulher com quem desejava ter se casado. Acho que Hunter se arrependia com frequência desse erro.

– Você nunca me disse isso! – exclamou Rachel. – Quem era ela?

– Lady Carlysle – murmurou Lara, vagamente surpresa por, mesmo depois de tanto tempo, o nome ainda lhe causar um gosto amargo na boca.

– E como ela é? Você chegou a conhecê-la?

– Sim, eu a vi em algumas ocasiões. Ela e Hunter eram discretos, mas era óbvio que os dois sentiam um enorme prazer na companhia um do outro. Lady Carlysle gostava das mesmas coisas que ele... montar, caçar, gostava de cavalos. Não tenho dúvida de que Hunter a visitava em particular com frequência depois que nos casamos.

– Ora, mas por que lorde Hawksworth não se casou com lady Carlysle?

Lara abraçou os joelhos e abaixou o queixo, encolhendo-se

inconscientemente.

– Eu era muito mais nova, enquanto ela já havia passado da idade de ter filhos. Hunter queria um herdeiro... e suponho que ele tenha achado que poderia me moldar ao seu gosto. Eu de fato tentei agradá-lo, mas infelizmente não consegui lhe dar a única coisa que ele queria de mim.

– Um filho – murmurou Rachel.

Pela expressão no rosto da irmã, Lara soube que Rachel estava se lembrando do próprio aborto espontâneo, que havia ocorrido poucos meses antes.

– Nenhuma de nós teve muito sucesso nesse quesito, não é?

O rosto de Lara ardia ao responder à irmã:

– Pelo menos você provou ser capaz de conceber. Com a bênção de Deus, ainda vai conseguir ter filhos algum dia. Já eu, por outro lado, tentei de tudo... tomei tônicos, consultei mapas lunares, fiz um monte de exercícios ridículos e humilhantes. E nada funcionou. Você sabe que, quando Hunter finalmente partiu para a Índia, eu fiquei muito feliz. Foi uma bênção dormir sozinha e não ter que passar todas as noites na expectativa de ouvir os passos dele se aproximando da minha porta.

Lara estremeceu com as lembranças e continuou:

– Eu não gosto de dormir com um homem. Nunca mais quero voltar a fazer isso.

– Pobrezinha – murmurou Rachel. – Deveria ter me contado essas coisas há muito tempo, irmã. Você está sempre tão disposta a resolver os problemas dos outros, e tão relutante em discutir os seus próprios.

– Como eu já disse, isso não teria mudado nada, Rachel – argumentou Lara, fazendo um esforço para sorrir.

– Se dependesse de mim, eu teria escolhido alguém muito mais apropriado para você do que lorde Hawksworth. Acho que nossos pais ficaram tão deslumbrados com a posição social e a riqueza dele que negligenciaram o fato de que vocês não combinavam.

– Não foi culpa deles – disse Lara. – Foi minha... Na verdade, não nasci para ser esposa de ninguém. Nunca deveria ter me casado. Sou muito mais feliz sozinha.

– Nenhuma de nós conseguiu o casamento que esperava, não é? – refletiu Rachel, com uma ironia triste. – Terrell, com suas mudanças de humor, e o palerma do seu marido... dificilmente poderiam ser vistos como príncipes encantados.

– Pelo menos moramos perto uma da outra – lembrou Lara, tentando dispersar a nuvem de tristeza que parecia pairar no ar. – Isso torna tudo suportável, pelo menos para mim.

– Para mim também. – Rachel se levantou, foi até a irmã e a abraçou com força. – Rezo para que, a partir de agora, só lhe aconteçam coisas boas, minha querida. Que lorde Hawksworth descanse em paz... e que você consiga encontrar um homem que a ame como você merece.

– Não reze por isso – pediu Lara, o alarme na voz em parte brincalhão, em parte sério. – Não quero um homem. Em vez disso, reze para as crianças do orfanato, para a pobre Sra. Lumley, já tão idosa e que está ficando cega, e para o reumatismo do Sr. Peacham, e...

– Você e sua lista sempre crescente de desafortunados – comentou Rachel, sorrindo com carinho para a irmã. – Está certo, rezarei por eles também.



No instante em que Lara pisou na cidade, viu-se inundada por perguntas. Todos ansiavam por detalhes do retorno de lorde Hawksworth do mundo dos mortos. Por mais que repetisse que o aparecimento de Hawksworth em Londres provavelmente era uma farsa, os cidadãos de Market Hill desejavam acreditar no contrário.

Lara entrou na queijaria, uma das muitas lojas que se enfileiravam na rua Maingate, a principal da cidade. O ar recendia ao aroma agradável de leite, ao cheiro pungente que subia das lajotas no chão e dos queijos empilhados nas mesas de madeira. Tão logo pôs os pés ali, o queijeiro comentou:

– Ora, se não é a mulher mais sortuda de Market Hill!

Lara deu um sorriso tímido, pousou a cesta de vime em cima de uma

longa mesa e esperou que o homem pegasse o queijo que ela comprava ali toda semana para levar ao orfanato.

– Sou sortuda por muitas razões, Sr. Wilkins – replicou ela –, mas caso esteja se referindo ao rumor sobre meu falecido marido...

– A senhora será uma bela visão – interrompeu o queijeiro, entusiasmado e com uma expressão bem-humorada no rosto jovial. – Mais uma vez a senhora do castelo.

Ele colocou na cesta um queijo de quase trinta centímetros. O coalho macio tinha sido salgado, envolvido em musselina e mergulhado em cera, para garantir um sabor fresco e suave.

– Obrigada – disse Lara, o tom tranquilo –, mas devo lhe dizer, Sr. Wilkins, que estou certa de que a história é falsa. Lorde Hawksworth não vai voltar.

As Srtas. Withers, duas irmãs solteironas já idosas, entraram na loja e se iluminaram de prazer ao ver Lara. Elas usavam toucas idênticas, a aba enfeitada com flores, cobrindo as cabecinhas grisalhas, que se inclinaram uma na direção da outra para trocar um comentário sussurrado. Uma delas se aproximou de Lara e pousou a mão frágil, com veias azuis aparentes, na manga do seu vestido.

– Minha cara, soubemos da notícia esta manhã. Estamos tão felizes por você, muito felizes mesmo...

– Obrigada, mas não é verdade – insistiu Lara. – Esse homem que alega ser meu marido sem dúvida é um impostor. Seria um milagre se o conde tivesse conseguido sobreviver ao naufrágio.

– Como eu sempre digo, torça pelo melhor até lhe disserem o contrário – falou o Sr. Wilkins.

Nesse exato momento, sua esposa robusta, Glenda, emergiu do fundo da loja e logo tratou de enfiar um buquê de margaridas no canto da cesta de Lara.

– Se alguém merece um milagre, milady, é a senhora – acrescentou Glenda, animada.

Todas aquelas pessoas presumiam que Lara estava feliz com a notícia,

que desejava a volta de Hunter. Enrubescida, Lara aceitou com culpa e desconforto os bons votos, e apressou-se a sair da loja.

Desceu a passo rápido a margem sinuosa do rio, passando pelo pequeno cemitério bem cuidado no adro da igreja e por uma sequência de chalés cercados por muros brancos. Seu destino era o orfanato, um solar em mau estado no lado leste da cidade. O solar se erguia entre pinheiros e carvalhos e era um lugar impressionante, construído com arenito e tijolos azuis, e um telhado de azulejos também azuis. O método usado para fazer aqueles azulejos especiais, resistentes ao frio, só era conhecido pelo oleiro da cidade, que esbarrara com a fórmula por acidente e jurava que a levaria para o túmulo.

Lara entrou no prédio, ofegante por ter caminhado uma longa distância carregando uma cesta pesada no braço. O solar já havia sido uma bela moradia, mas, depois da morte do último ocupante, fora abandonado e terminara em ruínas. Doações particulares de cidadãos de Market Hill haviam permitido a restauração da estrutura até torná-la adequada para abrigar duas dúzias de crianças. Mais doações haviam garantido salários anuais para um punhado de professores.

Lara sentia um profundo pesar quando pensava na fortuna que já tivera à sua disposição – quantas coisas poderia ter feito com todo aquele dinheiro! Ansiava por fazer várias melhorias no orfanato. Chegara ao ponto de engolir seu orgulho e abordar Arthur e Janet para pedir uma doação, mas recebera uma recusa fria como resposta. O novo conde e a nova condessa de Hawksworth acreditavam firmemente que os órfãos tinham que aprender que o mundo era um lugar hostil, e que eles precisavam se esforçar para abrir o próprio caminho.

Lara suspirou e pousou a cesta junto à porta. Seu braço tremia por causa do peso. Viu de relance uma cabeça coberta por cachos castanhos se abaixar em um canto. Devia ser Charles, pensou, um menino rebelde, de onze anos, que vivia procurando novas formas de causar confusão.

– Seria tão bom se alguém me ajudasse a carregar essa cesta até a cozinha... – falou Lara em voz alta, e Charles apareceu na mesma hora.

– A senhora carregou sozinha até aqui – observou o menino,

emburrado.

Lara sorriu para o rostinho cheio de sardas, iluminado por um par de olhos azuis.

– Não seja resmungão, Charles. Me ajude aqui com a cesta, e enquanto vamos até a cozinha você pode me contar por que não está na aula.

– A Srta. Thornton me expulsou da sala – respondeu ele, enquanto erguia a cesta grande e olhava para o queijo com uma expressão faminta.

Juntos, os dois desceram o corredor com o fardo, os passos abafados pelo tapete surrado.

– Eu estava fazendo barulho demais, e não estava prestando atenção à professora.

– Por que, Charles?

– Eu já aprendi o que precisava de matemática, antes de todo mundo. Por que preciso ficar sentado quieto, sem fazer nada, se sou mais esperto que os outros?

– Entendo...

Lara pensou consigo mesma que aquilo provavelmente era verdade. Charles era uma criança inteligente, que precisava de mais atenção do que a escola era capaz de dar.

– Vou conversar com a Srta. Thornton. Nesse meio-tempo, você precisa tentar se comportar.

Eles chegaram à cozinha, onde a Sra. Davies, a cozinheira, cumprimentou Lara com um sorriso. O rosto redondo dela estava rosado por causa do calor do fogão, onde uma enorme panela com sopa era mantida aquecida. Seus olhos castanhos cintilaram com interesse.

– Lady Hawksworth, ouvimos os rumores mais impressionantes na cidade...

– Não é verdade – interrompeu Lara, aborrecida. – É só algum perturbado que está convencido... ou está tentando nos convencer... de que é o falecido conde. Se meu marido tivesse sobrevivido, já teria voltado para casa há muito tempo.

– Imagino que sim – falou a Sra. Davies, parecendo desapontada. – Mas

seria uma história muito romântica. Se não se importa que eu diga, milady é jovem e bela demais para ser viúva.

Lara balançou a cabeça e sorriu.

– Estou bastante satisfeita com a minha situação, Sra. Davies.

– Quero que ele continue morto – anunciou Charles, fazendo a Sra. Davies arquejar horrorizada.

– Mas que diabinho é você! – exclamou a cozinheira.

Lara se inclinou até seus olhos estarem no mesmo nível dos do menino, e passou a mão por seus cabelos revoltos.

– Por que diz isso, Charles?

– Se for *mesmo* o conde, a senhora não virá mais aqui. Ele vai fazer a senhora ficar em casa obedecendo às ordens dele.

– Charles, isso não é verdade – retrucou Lara, séria. – Mas estamos perdendo tempo com esse assunto. O conde está morto... e as pessoas não voltam dos mortos.



Lara estava com a saia coberta de poeira da estrada quando voltou a Hawksworth, passando pelos sítios dos arrendatários, com suas cercas de pau a pique feitas de galhos e argila. O sol cintilava sobre a água que corria generosa sob a ponte dos condenados. Quando já se aproximava do seu chalé de pedra, Lara ouviu alguém chamá-la. Ela se deteve, surpresa, ao ver sua antiga criada, Naomi, aproximar-se correndo, com a saia erguida para não tropeçar.

– Naomi, não corra assim! – exclamou Lara. – Vai acabar caindo e se machucando.

A criada robusta arquejava, tanto pelo cansaço quanto pela empolgação febril.

– Lady Hawksworth! – exclamou ela, ainda tentando recuperar o fôlego. – Ah, milady... o Sr. Young me mandou aqui para lhe dizer que... que *ele* está aqui... no castelo... estão todos aqui, e... a senhora precisa ir até lá imediatamente.

Lara encarou a outra mulher, sem entender nada.

– Quem está aqui? O Sr. Young mandou me chamar?

– Sim, eles *o* trouxeram de Londres. *Ele* está aqui.

– Ele? – perguntou Lara, a voz débil.

– Sim, milady. O conde voltou para casa.

Capítulo 2

As palavras pareceram girar e zumbir ao redor de Lara como mosquitos. *O conde voltou para casa, voltou para casa...*

– Mas não pode ser... – sussurrou.

Por que o Sr. Young trouxera o estranho de Londres? Lara umedeceu os lábios, sentindo a parte interna da boca seca. Quando voltou a falar, não reconheceu a própria voz.

– V-você o viu?

A criada assentiu, parecendo subitamente sem palavras.

Lara olhou para o chão e se forçou a pronunciar as frases seguintes, o tom hesitante.

– Você conheceu o meu marido, Naomi. Me diga... o homem que está no castelo Hawksworth é mesmo...

Ela ergueu a cabeça e fitou a criada com um olhar suplicante, incapaz de completar a frase.

– Acho que sim, milady. Acho não, tenho certeza.

– Mas... o conde morreu – falou Lara, entorpecida. – Ele se afogou.

– Vou acompanhar a senhora até o castelo – declarou Naomi, e segurou o braço de Lara. – Está pálida e abalada, e não é de se estranhar. Não é todo dia que uma mulher recebe o marido de volta dos mortos.

Lara se desvencilhou da criada com um movimento brusco.

– Por favor... Preciso ficar um pouco sozinha. Irei até o castelo quando estiver pronta.

– Sim, milady. Avisarei a eles para aguardarem pela senhora.

Naomi olhou uma última vez para Lara, um misto de preocupação e

empolgação no olhar, e voltou às pressas na direção do castelo.

Lara entrou cambaleando no chalé, foi até o lavatório e derramou água morna na bacia de cerâmica lascada. Então lavou a poeira e o suor do rosto, os movimentos metódicos, enquanto pensamentos frenéticos rodopiavam em sua mente. Ela nunca se vira em uma situação tão inusitada antes. Sempre fora uma mulher prática. Não acreditava em milagres, e nunca pedira por um. Especialmente não por esse.

Mas aquilo não era um milagre, Lara lembrou a si mesma, soltando os cabelos desarrumados e tentando prendê-los novamente em um coque. Suas mãos trêmulas não obedeciam e se atrapalharam com os grampos e com os pentes, derrubando tudo no chão com um barulho delicado.

O homem que esperava por ela no castelo Hawksworth não era Hunter. Era um estranho – e bastante sagaz se havia conseguido convencer o Sr. Young e o Dr. Slade de que sua alegação era verdadeira. Lara simplesmente se manteria composta, o examinaria por si mesma, e garantiria aos outros que aquele com certeza não era o marido dela. Então, o assunto estaria encerrado. Ela respirou fundo várias vezes para se recompor e continuou a enfiar os grampos no cabelo sem prestar muita atenção ao que fazia.

Quando olhou no espelho quadrado estilo Queen Anne, que ficava apoiado em cima da cômoda em seu quarto, Lara teve a sensação de que a atmosfera havia mudado, o ar se tornara subitamente pesado e opressivo. O chalé estava tão silencioso que ela conseguia ouvir o próprio coração batendo desenfreado. Lara percebeu alguma coisa pelo espelho, um movimento deliberado que a paralisou. Alguém entrara.

Sentindo a pele vibrar, Lara se manteve imóvel e em silêncio e ficou olhando para o espelho enquanto outro reflexo se juntava ao dela. O rosto bronzeado de um homem... cabelos curtos e castanhos, com mechas mais claras deixadas pelo sol... olhos castanho-escuros... a boca larga e firme de que Lara se lembrava tão bem. Alto... peito e ombros largos... uma força física e uma segurança que pareceram fazer o quarto encolher ao redor dele.

Lara prendeu a respiração. Sentiu vontade de correr, de gritar, de desmaiar, mas seu corpo parecia ter virado pedra. O homem ficou parado atrás dela, a cabeça e os ombros pairando bem acima dos seus. O olhar dele

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Estranho Nos Meus Braços" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).